

# “SE ME MATAM, LEVANTAREI OS BRAÇOS DO TÚMULO E SEREI MAIS FORTE” A Ocupação Mirabal

“IF THEY KILL ME, I WILL RAISE MY ARMS FROM THE GRAVE AND I WILL BE STRONGER”  
The Mirabal Occupation

Raiê Roca<sup>1</sup>, Jorge May Junior<sup>2</sup>, Monique Aguiar Lemos<sup>3</sup>,  
Nanashara D’Avila Sanches<sup>4</sup> e Fernando Fuão<sup>5</sup>

*Em memória da colega arquiteta Sarah Domingues<sup>6</sup>*

## Resumo

O ensaio trata-se de estudo de caso proveniente da pesquisa OCUPAÇÕES: a necessidade de morar, as ocupações no centro de Porto Alegre entre os anos 2000 e 2023, realizada pelos autores; onde se abordam várias ocupações. A pesquisa metodologicamente se mescla também com o carácter de extensão. O objeto de estudo aqui é a Ocupação Mirabal. Ao longo do artigo se apresenta dados referentes a questão histórica da formação do Movimento de Mulheres Olga Benário, e da ocupação que teve dois momentos devido ao pedido de reintegração de posse por parte dos proprietários do primeiro edifício ocupado. Evitou-se a priori qualquer análise arquitetônica nos moldes habituais da doxa acadêmica, evitando assim qualquer juízo de valor que possa assentar-se sobre a ocupação. Entretanto, nem por isso deixaremos de apresentar uma série de informações mediante relato, diários de nossa participação durante os anos de 2022 e 2023.

Palavras-chaves: Ocupação Mirabal, Movimento de Mulheres Olga Benário, mulheres vítimas de violência, ocupações em Porto Alegre.

1 Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

3 Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

4 Formada em Geografia pela UFRGS e Doutora em Análise Territorial pelo Programa de Pós-Graduação de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

5 Professor Titular da Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

6 Sarah Domingues foi assassinada a tiros na terça-feira (23) de fevereiro de 2023; na ilha das Flores em Porto Alegre quando estava conversando com o dono de um armazém sobre os danos causados pelo temporal na semana anterior. Ela estava coletando informações finais para seu trabalho de conclusão de Curso na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS, poucas semanas antes de finalizar. Sarah foi vítima dos traficantes enquanto conversava, sem saber, com o alvo: o proprietário do armazém. Sarah era uma das principais lideranças estudantis de Porto Alegre: “Sarah foi um vento rápido, que durou pouco, mas que teve um vigor inimaginável, abalou positivamente as esperanças de tod@s que a conheceram. Porque ela realmente, sempre sorrindo, acreditava na força que nos conduziria a uma sociedade melhor, uma sociedade que não fosse absurdamente violenta como a de agora que lhe roubou a vida”, como expressou o professor e colega José Carlos Freitas Lemos, diretor do ANDES/UFRGS que foi também professor da jovem. Militante e dirigente da União da Juventude Rebelião (UJR), Sarah também foi coordenadora do Movimento Correnteza, diretora da União Nacional dos Estudantes (UNE), do Diretório Central dos Estudantes da UFRGS, do Diretório Acadêmico da Arquitetura e membro do Conselho Universitário da UFRGS. Sarah participou ativamente da ocupação Mirabal, desde o início até o fim, era uma das lideranças. Sarah eternamente presente em nossas lutas.

## Abstract

The essay is a case study from the research OCCUPATIONS: the need to live, occupations in the center of Porto Alegre between the years 2000 and 2023, carried out by the authors; where various occupations are addressed. Research methodologically also combines with the nature of extension. The object of study here is the Mirabal Occupation, throughout the article data is presented relating to the historical issue of the formation of the Olga Benario Woman’s Movement, and the occupation, which had two moments due to the request for repossession by the owners of the first building busy. Any architectural analysis along the usual lines of academic doxa was avoided a priori, thus avoiding any value judgment that could be based on the occupation. However, this does not mean that we will stop presenting a series of information through reports, diaries of our participation during the years 2022 and 2023.

Keywords: Mirabal Occupation, Olga Benario Woman’s Movement, women victims of violence, occupations in Porto Alegre.

## Preâmbulo

É importante destacar que o papel dos arquitetos e ou dos professores que trabalham e se envolvem diretamente com as ocupações acabam por apreender um outro sentido de sua profissão resignificando sua atividade. O arquiteto, o professor e os alunos que lhe acompanham vão apreendendo muito mais a solucionar problemas imediatos decorrentes das patologias do próprio estado de abandono da edificação, que questões projetuais num primeiro momento. Entretanto, de toda sua formação voltada para o projeto ele não abdica e não deve abdicar, porém passa para outro patamar, dando premência às soluções de problemas imediatos e existenciais, para que as ocupantes possam realmente viver nesses espaços. Ali se apresentam infiltrações de toda espécie, goteiras, problemas elétricos e de abastecimento de água, de esgotos, ralos, caixas de esgotos, aberturas, janelas e vidros, problemas nos pisos e assoalhos, pinturas, forros. Tudo é emergencial. Nesse caso sempre se trata do ‘emergencial do emergencial’. Estancar e fazer fluir sempre sem dinheiro algum para compra de material. Todo o âmbito estético se esgota aqui. Na medida do convívio, vamos percebendo as hierarquias das necessidades técnicas e das necessidades de seus ocupantes, e numa dialogia todos vão conformando seus sonhos de melhorias para o espaço. A essas alturas sabemos que já não há um projeto idealizado, mas aquilo que foi possível realizar, ‘o inédito viável’ como se referia Paulo Freire, nunca um produto acabado como uma mercadoria ou objeto, mas algo muito real, vivo e humano que vai se construindo, pensando e morando na medida em que o arquiteto, os professores e alun@s atuam como partícipes. E, é por isso que as ocupas não saem em revistas de arquitetura; porque o resultado é antes de tudo ético e poético, aritmético e contábil; antes de ser estético. Portanto, o leitor não deve buscar imagens bonitas aos olhos, tampouco na maioria das vezes encontrará, o que ele deve levar como aprendizagem é justamente o relato da ocupação, sua história e transformação, e quiçá algumas vezes a experiência nem tão exitosa. Assim, compreenderá que não se trata de um problema de forma e ou conteúdo, mas sim de uma terrível luta que as ocupações travam com o estado e seus soberanos, onde a arquitetura, o morar é o objeto da disputa. Por isso é importante ler atentamente, refletir, o processo dessa ‘comstrução’, não só dessa luta entre Ocupas x Estado, mas também de uma luta mais profunda que se trava dentro do arquiteto e de seu envolvimento ético, uma luta também terrível contra os pressupostos dados do mercado da profissão, incluso da academia e de sua própria profissão.

## Mirabal

O nome Mirabal, assim como a frase do título desse artigo advêm da ativista Minerva Mirabal, da República Dominicana, ao responder aos que lhe advertiram de que o regime do presidente Rafael Leónidas Trujillo (1930-1961) iria matá-la, no início da década de 1960; ao que ela respondeu: “se me matam, levantarei os braços do túmulo e serei mais forte”. O alerta infelizmente se concretizou pouco depois. Em 25 de novembro de 1960, seu corpo foi encontrado no fundo de um barranco, no interior de um jipe, junto com os corpos de suas irmãs, Patria e Maria Teresa, e também do motorista Rufino de la Cruz. Qualquer relação com o feminicídio político no caso Mariele Franco não é mera coincidência.

Naquele fatídico 25 de novembro, funcionários da polícia secreta, em palavras mais atuais: as milícias, interceptaram o veículo que transportava as irmãs em uma estrada da província de Salcedo, no norte do país. Patricia e Maria Teresa foram brutalmente enforcadas e depois espancadas para que quando o veículo fosse jogado no precipício a morte parecesse resultado de um acidente de carro. *Las Mariposas*, assim ficaram conhecidas *Las Hermanas Mirabal*, desde que participaram da criação e organização do *Movimiento Revolucionario 14 de Junio*. Isso porque esse era o nome com o qual Minerva se identificava nas relações políticas, um codinome<sup>7</sup>. A promessa de Minerva parece ter sido cumprida: a morte das irmãs nas mãos da polícia secreta dominicana é ainda hoje considerada por muitos um dos principais fatores que levaram ao fim do regime trujillista.

E, a cada 25 de novembro, a força de Minerva, de Patria e Maria Teresa revivem, brotam, saem por aí batendo asas para levar as mensagens revolucionárias. Embora muitos desconheçam, essa data foi escolhida oficialmente e explicitamente pelas Nações Unidas para representar o ‘Dia Internacional da Não-Violência Contra a Mulher’, em homenagem às três irmãs Mirabal. Desde 1981, a data de suas mortes se converteu na América Latina, em um dia para marcar a luta das mulheres contra a violência. Nesse dia, em 1981, foi realizado o Primeiro Encontro Feminista da América Latina e do Caribe, em Bogotá (Colômbia). Ali as mulheres denunciaram os abusos de gênero que sofriam no ambiente doméstico, assim como a violação e o assédio sexual por parte do Estado, como a tortura e a prisão por motivos políticos.

Trinta anos depois, em 08 de março de 2011, na semana em que se comemorou o Dia Internacional da Mulher, cerca de 3.000 mulheres de 40 países participaram da Primeira Conferência Mundial de Mulheres de Base, em Caracas, Venezuela. Centenas de mulheres que estavam nessa Conferência marcharam pelas ruas de Caracas. O Brasil esteve representado por 23 delegadas, de oito estados. Foi nesse evento que se deu o nascimento e motivação para a criação do que hoje se conhecerá como o *Movimento de Mulheres Olga Benário* em maio de 2014. Um reconhecimento à comunista Olga Benário, membra da Internacional Comunista, onde teve sua formação militar, para posteriormente ser indicada para o Brasil, para organizar o levante popular contra o ditador Getúlio Vargas.

Nos dias 05, 06 e 07 de novembro se organizaram doze grupos temáticos para discussão na Universidade Bolivariana da Venezuela. As delegadas brasileiras se dividiram em cinco destes temas: a dupla opressão da mulher, as mulheres trabalhadoras, as mulheres jovens, as conquistas das mulheres nas experiências socialistas no século

20, e, mulher e participação política. Em todos os grupos as delegadas tiveram a possibilidade de compartilhar experiências, conhecer diferentes realidades e discutir os problemas que sofriam, e principalmente desenvolver propostas para o fim da opressão da mulher trabalhadora. Foi unânime o entendimento de que o grande responsável pela exploração e opressão da mulher em todo o mundo é o sistema capitalista, fortalecido por uma cultura patriarcal falocêntrica. Ficou clara, nessas discussões, a necessidade de desconstruir os conceitos machistas que estimulam a violência contra a mulher, bem como as desigualdades no mercado de trabalho, exemplos que foram fartamente citados nos relatos.

O Movimento de Mulheres Olga Benário é um movimento marxista, feminista, socialista, revolucionário com o firme propósito de organizar as mulheres trabalhadoras, indígenas, negras, jovens, na luta pelos seus direitos, contra a opressão do capitalismo. A formação do Movimento de Mulheres Olga Benário se encontra amplamente descrito na *Cartilha do Movimento de Mulheres Olga Benário*, do qual retiramos boa parte do conteúdo. Insistimos nesse preâmbulo histórico, antes de adentrarmos na questão da ocupação Mirabal, para evidenciar a questão dos nomes das irmãs Mirabal e da lendária Olga Benário, e também explicar para quem desconhece essas figuras históricas a importância dessas mulheres e tantas outras; demonstrando que essa luta não é uma luta qualquer da classe trabalhadora, e que a ocupação Mirabal não é tão somente uma luta pelo direito à moradia, existindo um motivo muito maior por detrás dessas lutas das mulheres.

Três anos depois, nos dias 3 e 4 de maio de 2014 em pleno preparativos para a Copa do Mundo, em Recife o Movimento realizaria seu Primeiro Encontro Nacional com a presença de 300 mulheres de várias partes do Brasil. 13 estados se fizeram presentes: Amazonas, Pará, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. A repercussão das remoções urbanas em decorrência da Copa do Mundo e das Olimpíadas no Brasil fez com que muitas organizações e movimentos sociais se deparassem com uma máquina de remover vilas e favelas.

É importante ainda contextualizar temporalmente que, grande parte dos movimentos de ocupação nos centros das grandes cidades se deu a partir da virada do século XX. Ou seja, ocorreram principalmente a partir dos anos 2000, apresentando pautas de atuação alargadas e táticas de ação radicalizadas. Soma-se a isso a conquista da Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001, denominada de Estatuto da Cidade (EC) que teve por objetivo estabelecer normas de ordem pública e interesse social com a finalidade de regular o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo. Esse fato veio a fortalecer os Movimentos Sociais em busca de moradia digna. Coincidentemente foi a partir dos últimos anos da década de 1990 que os centros das cidades foram de certa forma abandonados despertando a atenção dos movimentos sociais por luta por moradia. O centro garantia-lhes uma visibilidade muito maior que as ocupações na periferia. Acrescente-se ainda, que nesse período acontece também a construção do Projeto de Lei de iniciativa popular pela criação do *Sistema, Fundo e Conselho Gestor de Habitação e Interesse Social no Brasil* (Lei 11.124/2005), que se consolidou no primeiro movimento de luta pela moradia de dimensão nacional: a União Nacional por Moradia Popular (UNMP). No ano seguinte seria criado o Movimento Nacional de Luta por Moradia (MNLMP).

<sup>7</sup> Uma descrição sobre as Hermanas Mirabal pode ser encontrada em: <https://averdade.org.br/2015/09/minerva-mirabal-representa-a-rebeldia-da-mulher-dominicana/>  
<https://averdade.org.br/2016/11/nasce-em-porto-alegre-ocupacao-mulheres-mirabal/>

## Okupas

O termo ‘ocupações urbanas’, na verdade trata-se de um amplo espectro de situações distintas e de diversos tipos de ocupações. Quando se começa a estudar, observa-se que implica também em diferentes escalas, formas, estruturas, e estratégias de resistência; muitas vezes correlacionados a grupos sociais identitários e de gêneros distintos. Utilizamos a expressão ‘espectro’ porque se remete tanto a esse leque de possibilidades como também manifestações que ainda assustam e aterrorizam as pessoas. A ação de ocupar significa, infelizmente por desconhecimento, para muitos um ato de agressividade, isto porque carrega o estigma da ameaça à propriedade privada por apropriações supostamente ilegais ou indevidas. Ocorre que as ocupações só acontecem em situações de abandono ou subutilizadas que ficam aguardando para a especulação imobiliária.

Ocupação é diferente de invasão, termo frequentemente usado pela mídia. É preciso estudar essas ocupações por moradia, retirar esses mitos e fantasmas entranhados na população, definir esses vultos e aprofundar esses estudos em todos níveis e áreas de conhecimento. Já não se pode mais tratá-las como casos iguais ou defini-las sobre um único rótulo; cada uma delas tem suas diferenças que as singularizam, e que quiçá talvez inviabilize estabelecer uma regra ou conceito geral. Estudar as okupas é descobrir as semelhanças nas dessemelhanças e vice-versa, sem prejuízo a nenhuma delas, principalmente no caso da Mirabal. Ocupar constitui-se como a única alternativa para àqueles que não têm onde morar e não conseguem nem se candidatar aos planos de moradia da Caixa Econômica Federal, tipo *Minha casa, minha vida*, dado o grau de miserabilidade da população brasileira; como disse o professor Bruno Euphrasio de Mello, “ocupa que não tem, mas quer ter; quem não está, mas quer estar; quem não é, mas quer ser”<sup>8</sup>.

Foi dentro desse escopo de luta pela moradia, porém com um diferencial que a distingue, que o Movimento de Mulheres Olga Benario chegou a Porto Alegre expondo um discurso mais amplo: a necessidade de proteção da mulher vítima de violência doméstica; obrigada a abandonar seu lar, na maioria das vezes carregando seus filhos pequenos, jogada ao mundo da rua, se vê forçada a abandonar também seu trabalho por não ter condições mais de trabalhar. Ela é a vítima da violência machista falocêntrica e do Estado; ainda que amparada pela Lei Maria da Penha há toda uma fragilidade que é sustentada e mantida pela sociedade falocêntrica para manter as mulheres sempre nesse estado de dependência e fragilidade. As mulheres trabalhadoras sabem muito bem o que significa necessitar de uma vaga em creche, lutar para garantir creches e escolas de educação infantil nos bairros populares e locais de trabalho. Some-se também a questão da saúde das mulheres, a legalização do aborto, o direito à vida das mulheres, o combate à violência e aos abusos seculares contra a mulher.

Segundo a *Cartilha do Movimento de Mulheres Olga Benario*, “Pesquisas apontam que 70% das mulheres sofrem violência ao longo da vida. Violência física imposta por um parceiro íntimo, como o espancamento, é a forma mais comum de violência sofrida pelas mulheres do mundo. O machismo está dentro das casas, do trabalho, nas organizações políticas, nas entidades sindicais, nos meios de comunicação e nas relações sociais”<sup>9</sup>. Portanto, a necessidade de um lugar de acolhimento para essas mulheres situa-se no âmbito existencial, vital. É de se considerar que embora os

8 Mello, Bruno Cesar E. *Narrar por projetos e pelas ocupações: ou onde as ocupações (des)encontram o projeto*. Veja-se também: Bruno Cesar Euphrasio de Mello. *Dias de destruir, de construir*. Libretos. Porto Alegre. 2022.

9 Claudiane Lopes, Eloá Santos, Gabriela Gonçalves, Guita Kozmhinky, Indira Xavier, Raphaella Mendes, Vivian Mendes. *Cartilha do Movimento de Mulheres Olga Benario*. Brasil. 2017. p. 18.

avanços como o caso da Lei Maria da Penha, não houve efetivamente uma diminuição da violência contra a mulher, principalmente porque esbarram no âmbito das políticas públicas; e a necessidade das Prefeituras municipais terem casas de acolhimento para essas mulheres. Na maioria das vezes as prefeituras não cumprem essas leis. Esta é uma das principais reivindicações e lutas que o Movimento de Mulheres Olga Benario desenvolve ao lado do Movimento de Luta nos Bairros e Favelas (MLB) e do Movimento Luta de Classes (MLC). A necessidade de ocupar edifícios abandonados é um desses retos? do Movimento para acolher as mulheres vítimas da violência, visto que o Estado abandonando-as jogando a sorte da vida, não cumpre o que deveria ser feito.

A primeira ocupação realizada pelo Movimento Olga Benário foi a *Casa Tina Martins* em Belo Horizonte, no dia 8 de março de 2016. Juntamente com o MLB, ocuparam um prédio público abandonado há mais de 10 anos exigindo a efetiva aplicação das políticas públicas.

As principais reivindicações foram: por um intenso combate à violência machista e do Estado; abertura imediata de creches em tempo integral; regularização das creches comunitárias, mantendo sua autonomia; casas-abrigos para atendimento às mulheres vítimas de violência, delegacias 24 horas para atendimento especializado. (...) A ocupação foi uma grande vitória, obrigando o Governo do Estado de Minas Gerais a ceder um imóvel que estava ocioso para que fosse criada a primeira *Casa de Referência da Mulher Tina Martins*, que se transformou num espaço para formação das mulheres e formulação de ideias e políticas, com debates, palestras, oficinas, cursos, rodas de conversas, feiras e encontros, além de realizar acolhimento temporário às mulheres que têm esse atendimento negado pelo Estado. Depois dessa primeira experiência, ocorreram mais duas ocupações organizadas pelo Movimento de Mulheres Olga Benario: Ocupação Mulheres Mirabal (RS) e a Ocupação Helenira Preta (SP) e Laudelina Campos Melo (SP)<sup>10</sup>.

### A Ocupação Casa de Mulheres Mirabal

No dia 25 de novembro de 2016, em Porto Alegre foi ocupado, por quase cem mulheres organizadas e de diversas idades e profissões, um prédio abandonado de três pavimentos em pleno centro de Porto Alegre, na Rua Duque de Caxias. Foi a partir dessa ocupação do imóvel que o Movimento de Mulheres Olga Benário passou a divulgar o trabalho nas redes sociais e nas ruas. O imóvel estava ocioso, abandonado, apodrecendo há mais de quatro anos, não cumpria qualquer função social. Essa ocupação foi também uma forma de protestar e chamar a atenção da falta de providências governamentais para proteção das mulheres, diante do total descaso do governo de Ivo Sartori, no Estado do Rio Grande do Sul, ao extinguir a Secretaria de Políticas para Mulheres. O imóvel ocupado pertence a uma congregação da Igreja Católica, dos Irmãos Salesianos, ali antigamente funcionava o Lar Dom Bosco, dedicado a atender meninos em situação de vulnerabilidade social.

10 Op. cit.; p. 18. “A Ocupação Helenira Preta, ocorreu no dia 25 de julho de 2017, no dia internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, quando dezenas de mulheres organizadas pelo Movimento Olga Benário ocuparam uma casa abandonada no centro de Mauá, região do ABC paulista. O objetivo da ocupação foi exigir do Governo de São Paulo e da Prefeitura a reforma do imóvel, de propriedade da gestão municipal, e sua transformação em uma casa de referência para acolher mulheres vítimas de violência doméstica. Em 2018 na cidade de São Paulo aconteceria a ocupação Laudelina Campos Melo, também na cidade de São Paulo.” Op. cit.; p. 18.

Antes de dar sequência, antecipadamente para melhor descrever a saga da ocupação Mirabal, convém explicar que em sua trajetória ela ocupou dois prédios. Inicialmente esse primeiro na Rua Duque de Caxias, um prédio de três pavimentos do início do século passado, numa zona outrora considerada de alta classe. Depois da ocupação a congregação religiosa solicitou a reintegração imediata de posse do imóvel. E, depois de dois anos de muita luta política, infelizmente as mulheres, - depois de já terem consolidado suas vidas no bairro e com empregos -, tiveram que deixar o prédio, e foram ocupar outro prédio longe do centro, uma escola pública fechada, entre outras escolas fechadas pelo governo Sartori; localizado na Zona Norte da cidade: a Escola Estadual Ensino Fundamental Benjamin Constant, que apresentaremos mais adiante detalhadamente. O fato mais revoltante dessa reintegração de posse é que o prédio desde 2018 continua fechado, atestando que o imóvel não cumpria e segue não cumprindo nenhuma função social, e os irmãos salesianos justificavam que iriam dar-lhe um novo uso que não aconteceu, era só uma desculpa para reaver o patrimônio. O prédio só passou a ter uso em 2022. Esse acontecimento, demonstra que as leis seguem privilegiando os mais poderosos, incluso essas ordens religiosas seculares.

Normalmente olhamos e acompanhamos as ocupações, mas esquecemos de olhar para trás e observar que a grande maioria desses prédios que foram dados à reintegração de posse a seus proprietários, ou mesmo prédios pertencentes ao município e ou Estado continuam em estado de abandono. Um exemplo disso é o prédio da ocupação *Lanceiros Negros* em Porto Alegre, pertencente ao Governo do Estado. Todas as alegações de uso depois da reintegração de posse são esquecidas pelo judiciário, o Estado não cobra de seus proprietários, principalmente porque o Estado muitas vezes é partícipe desse processo. Como bem apontou com extrema sagacidade Marco Aurélio Weissheimer, com relação à Mirabal, “em plena campanha pelo fim da violência contra as mulheres, a Entidade Salesianos solicita a ‘legalização’ da violência por parte do Estado. Apesar da existência de um GT para negociações que verificam as possibilidades de continuidade do trabalho de acolhimento para mulheres violentadas, garantindo a negociação de outros imóveis para transferência das Mulheres Mirabal, a intransigência dos Salesianos foi muito maior, pois os mesmos, sempre indispostos a estarem presentes no GT, no qual lhes foi oferecida até a permutação de outros imóveis para conciliação, acabam de peticionar a Reintegração de posse da Ocupação Mulheres Mirabal, reafirmando sua falta de interesse na busca de uma negociação”<sup>11</sup>.

É de se questionar a fraternidade dos religiosos salesianos. O mais razoável teria sido na época aproveitar essa oportunidade e serem parceiros doando o uso, ou cedendo o uso do prédio para o Movimento, do que simplesmente ‘devolver as mulheres a seus agressores’. Foi exatamente isso que em outras palavras eles fizeram sem remordimento.

O ‘acordo’ judicial com o governo estadual e o municipal e com o Movimento feito na época designou como espaço para as famílias de mulheres e seus filhos, como já dissemos, uma antiga escola estadual desativada, e vazia havia dois anos. As representantes do Movimento de Mulheres Olga Benário, que coordenam a Ocupação Mulheres Mirabal, aceitaram a proposta sem muita alternativa feita em conjunto pelo Governo do Estado e pela Prefeitura, e a ocupação transferiu-se para a Escola Benjamin Constant. Como bem retratou o jornalista Luís Gomes em seu artigo *Ocupação Mirabal aceita acordo e deve se mudar para prédio estadual* para o jornal *Sul 21* no qual registrava a grande disposição e abertura para a negociação por parte do Movimento: “Em nota, o Movimento Olga Benário garante que ‘a fim de evitar uma

11 Movimento de Mulheres Olga Benário. Nota da Ocupação Mulheres Mirabal. 23/06/2018. [rsurgente.wordpress.com/2018/06/23/nota-da-ocupacao-mulheres-mirabal/](https://wordpress.com/2018/06/23/nota-da-ocupacao-mulheres-mirabal/)

possível reintegração violenta e traumatizante para tantas mulheres e crianças que já se encontram em situação de vulnerabilidade, requer-se sejam operacionalizados esforços para que a cessão e respectiva mudança para o novo imóvel ocorra o mais breve possível”<sup>12</sup>.

Ainda sobre as negociações, o acordo e o descumprimento por parte do governo, Nanashara Sanches descreve, em sua tese de doutorado, com mais detalhes o processo:

As reuniões eram semanais e ocorreram ao longo de sete meses. Todas as reuniões foram documentadas em atas assinadas pelos participantes. Nessas reuniões, Movimento e entes públicos apresentaram locais nos quais o serviço da Mirabal poderia seguir. O único local que se adequava era o prédio da equipe diretiva da antiga Escola Estadual Benjamin Constant, Zona Norte de Porto Alegre. Ao lado, no mesmo terreno, está o prédio das salas de aula que possui diversas rachaduras, tendo sua estrutura comprometida provavelmente em função da construção da Terceira Perimetral que passa em frente à Escola. O terreno onde se encontrava a escola era de propriedade da Prefeitura e cedido ao Estado do Rio Grande do Sul, responsável pela construção das benfeitorias. No GT, Prefeitura, Estado e Movimento concordam que o serviço poderia seguir neste novo endereço. Concordam também que o Estado não pediria mais a cedência do terreno para a Prefeitura, sem exigir nenhuma contrapartida financeira pelos prédios construídos. Contudo, ao não exigir a contrapartida financeira, o Estado impõe que o prédio da equipe diretiva seja destinado para a realização de políticas para combate à violência às mulheres.

Um acordo é redigido nestes termos. Os entes participantes do GT assinaram. O Movimento, ao vislumbrar, finalmente, a possibilidade de não passar pela violência de não saber se no outro dia seria despejado ou não, sinaliza no processo referente ao prédio da Rua Duque de Caxias que irá para outro local, fruto do acordo com entes públicos. Contudo, a Prefeitura se nega em entregar a chave dos prédios para o Movimento. Sem ter para onde ir e temendo uma reintegração de posse, o Movimento decide ocupar o prédio da Escola Benjamin Constant, repassado para a Mirabal via acordo. A nova ocupação ocorreu em 7 de setembro de 2018. No novo local, a Ocupação assumiu o nome de Casa de Referência Mulheres Mirabal, seguindo atendimento e realizando atividades abertas à população<sup>13</sup>.”

Durante o período de dois anos que estiveram na rua Duque de Caxias, foram frequentes as campanhas de doação e solidariedade da vizinhança, e de movimentos sociais para garantir a sobrevivência e bem estar das residentes. Em poucos dias, o trabalho desenvolvido voluntariamente por psicólogas, assistentes sociais, advogadas e profissionais da área da saúde passou a ser reconhecido por entidades sociais e pelo próprio governo municipal, tanto que nas delegacias encaminhavam as mulheres para a residência Mirabal.

12 Luís Gomes. *Ocupação Mirabal aceita acordo e deve se mudar para prédio estadual*. Jornal Sul 21. 02/2018/06/. <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-areazero-2/2018/06/ocupacao-mirabal-aceita-acordo-e-deve-se-mudar-para-predio-estadual/>

13 SANCHES, Nanashara D. *As Ocupações no Centro histórico de Porto Alegre e a Formação de Territórios de Resistência* (Tese de Doutorado) UFRGS, Programa de Pós Graduação em Geografia, Instituto de Geociências (Orientador: Paulo Roberto Rodrigues Soares). Porto Alegre. 2021.



Figura 1 - A ocupação na Rua Duque de Caxias. Foto: Guilherme Santos/Sul21. Fonte: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-areazero-2/2018/06/ocupacao-mirabal-aceita-acordo-e-deve-se-mudar-para-predio-estadual/>

A ocupação foi revestida de extrema segurança por parte do Movimento, com a finalidade de garantir a integridade física e mental das residentes e de seus filhos e filhas; visto que com frequência os homens dessas mulheres quando descobrem seu paradeiro vão atrás delas, correndo o risco de vida. O portão de entrada lateral era o primeiro filtro. Assim, as portas nunca estavam abertas a qualquer um. Nunca tivemos oportunidade de entrar dentro da casa na Rua Duque de Caxias, o máximo que conseguimos foi conversar com as coordenadoras no corredor lateral e olhar a cozinha. Há poucos documentos, em termos de registro arquitetônico da ocupação desse prédio constituído de três pavimentos com alguns elementos de *art nouveau*. A ocupação tem regras básicas de convivência estabelecidas, como horários de entrada e saída do prédio. Convém ressaltar que as mulheres vítimas de violência doméstica e de gênero que vieram em busca de acolhimento na casa, a grande maioria era de negras com mais de 25 anos. Há mulheres que ficam por vários dias, por um dia, ou por horas. Quem procura acolhimento na Mirabal preenche uma ficha de entrada, e se necessário é encaminhada a atendimento médico e psicológico.

A Ocupação Mirabal foi objeto de estudo também na pesquisa *Experiências urbanas e produção do comum: modos de vida e invenção das cidades em tempos de intolerância*<sup>14</sup>(Faculdade de Psicologia e Faculdade de Arquitetura da UFRGS 2017-2020). Dentre os vários artigos produzidos por essa pesquisa, destacamos o basilar artigo *Experiências urbanas e produção do comum: uma visão a partir das mulheres em situação de violência moradoras de ocupação urbana* de Helena Ew, Daniela Cidade; e Simone Paulon, integrantes e coordenadora da pesquisa respectivamente; no qual descrevem os acontecimentos que permearam a ocupação Mirabal, e aqui não nos poupamos de transcrever várias passagens<sup>15</sup>.

14 EXPERIÊNCIAS URBANAS E PRODUÇÃO DO COMUM: modos de vida e invenção das cidades em tempos de intolerância. Simone Mainiere Paulon. (Coordenadora. 2017 – 2020).

15 EW, H. A. ; CIDADE, D. M. ; PAULON, S. M. *Experiências urbanas e produção do comum : uma visão*

As mulheres que são acolhidas na Mirabal refletem os dados desta história. De maioria negra, vindas da periferia da capital e da região metropolitana, as mulheres pobres enfrentam a árdua tarefa de manutenção econômica e social da família. Através dos depoimentos colhidos durante a pesquisa, podemos analisar como se mistura culpa e responsabilidade em suas trajetórias, sendo que o papel feminino nos seus olhares tem por centralidade a maternidade. As acolhidas apresentam o papel da maternidade como o que supre as carências afetivas, de proteção e de sustento material. As mães, mesmo quando no papel de avós ou sogras, são as que possuíam as casas, que cuidavam de seus filhos e filhas já adultos - atendendo materialmente suas necessidades. Elas aparecem como figuras fortes com grande personalidade, até mesmo agressivas. As mães oferecem colo e punição, trabalham para conseguir comida e também cozinham; sendo cobradas por total compreensão e proteção dos filhos. Por outro lado, também elas são culpabilizadas por não conseguirem enxergar e corrigir os problemas familiares. Assim, as mulheres da periferia brasileira não são vistas, ideologicamente, pela fragilidade, dependência dos homens e limitação biológica. Pelo contrário, as mulheres são cobradas a serem as mais fortes, a serem sempre, em qualquer circunstância as defensoras de sua família, sendo convocadas como responsáveis por todas as funcionalidades, tanto no privado, quanto no meio público da comunidade<sup>16</sup>.

Atualmente as mulheres acolhidas na Mirabal, também apresentam a experiência de desapropriação do corpo feminino. Diante da violência sofrida, muitas mulheres identificam a maternidade como fator para a tomada de decisão. Com raras exceções, as mulheres afirmam que o motivo da sua fuga foi devido à proteção física das(os) filhas(os) e da sua própria integridade como cuidadoras. Como se fizessem um pacto de vida com seus filhos, elas fogem e salvam ambos, deixando para trás suas casas, todos seus pertences, a família, as relações sociais na comunidade e, não raro, também o trabalho. Nesse contexto, se revela a importância do acesso à moradia para o rompimento do ciclo de violência. O maior medo dessas mulheres se configurava na possibilidade de não encontrar um lugar para ficar, devido a isso postergavam a saída de casa. A decisão ocorre quando se veem em uma situação limite diante da violência doméstica. Assim, o temor de ficar na rua é o primeiro a ser enfrentado. Esse, só não é maior do que o temor vivenciado na reclusão da esfera doméstica, há tanto destinada às mulheres: o medo da morte dos filhos e de si mesmas. É neste fio da navalha, entre o medo da rua e da morte que as mulheres chegam à Mirabal<sup>17</sup>.

Na tentativa de recompor o quadro da saga ou calvário da Mirabal, uma das reportagens de jornal mais completa que encontramos sobre a Mirabal, principalmente sobre os aspectos de solicitação de reintegração de posse e seu deslocamento para a Escola Benjamin Constante, foi a do Jornal SEXTANTE, *Existir é Resistir: Dois anos de Ocupação Mirabal*, de autoria de Luana Cruz, que além da larga descrição também

a partir de mulheres em situação de violência moradoras de ocupação urbana. In: 16 SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 2021, SALVADOR. Anais [do] XVI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Salvador: UFBA, 2021. p. 2727.

16 Op. cit.; p. 2728.

17 Op. cit.; p. 2729.

contêm algumas fotos do interior da casa.

A terceira tentativa de reintegração de posse na Mirabal aconteceu em 2017, após a ocorrência na Ocupação Lanceiros Negros. Houve resistência da Brigada Militar em tratar a Mirabal da mesma forma, devido ao reconhecimento que a casa oferecia um serviço que faltava por parte do Estado. Isso estimulou a criação de um Grupo de Trabalho para discutir possíveis destinos para a ocupação, formado por representantes da Mirabal, órgãos do Município e do Estado, além de congregação da Igreja Católica. Após algumas tentativas, não foi encontrado um lugar. Os poucos oferecidos não atendiam à estrutura necessária. Foram em torno de sete meses de negociação. O prazo já havia esgotado quando o Estado ofertou ao Município a Escola Benjamin Constant, na Zona Norte de Porto Alegre, para que fosse cedida à Mirabal. Porém, retomada a posse do imóvel, o Município negou o repasse ao Movimento. Ameaçado por mais uma reintegração de posse, o Movimento de Mulheres Olga Benario ocupou o prédio da Escola destinado à Mirabal, na madrugada do dia 7 de setembro deste ano (2018). Mantiveram por 20 dias as duas ocupações, a fim de fazerem adaptações na nova sede e a mudança das acolhidas. No dia 27 de setembro, foi realizada a entrega das chaves do prédio da Rua Duque de Caxias ao oficial de justiça e representantes dos proprietários, acompanhados pela Brigada Militar<sup>18</sup>.

### A segunda ocupação: a escola

A escola se localiza na Rua Souza Reis próxima à esquina com a Avenida Assis Brasil. A fachada leste, a que mira a rua fica boa parte encoberta pelo viaduto José Eduardo Utzig que corta a rua em seu início. O terreno tem aproximadamente 1750m<sup>2</sup>, e quatro edificações construídas em diferentes estados de conservação ocupam o amplo terreno da escola. O tecido urbano onde está localizado está em constante mudança, porém majoritariamente é composto por comércios diurnos, e das mudanças mais recentes podemos observar o fechamento de alguns comércios assim como a demolição de construções existentes para novos empreendimentos.

A escola embora afastada do centro da cidade possui algumas facilidades de acesso. A proximidade com a Avenida Assis Brasil e Avenida Sertório, por onde passam boa parte dos ônibus nessa área, faz com que a casa Mirabal seja facilmente acessada por qualquer pessoa da cidade ou até de fora dela. A Mirabal passado esse tempo, possui uma boa relação com o bairro e já realizou atividades em parceria com os moradores da vila São João que fica a oeste do lote, no fundo da área aberta da escola; atividades e reuniões com diversos movimentos sociais e entidades; e também atividades abertas para o público em geral.

As quatro edificações que compõem a Escola Benjamin Constante são: a escola propriamente dita, um grande bloco retangular de térreo e três pavimentos cada um com 340m<sup>2</sup> (atualmente desocupado), a antiga parte administrativa da escola de dois pavimentos - cada pavimento com 110 m<sup>2</sup>, onde está agora a parte residencial e administrativa da ocupação; a antiga casa dos caseiros da escola de 60m<sup>2</sup>, que também

<sup>18</sup> Jornal SEXTANTE, "Existir é Resistir: Dois anos de Ocupação Mirabal", de autoria de Luana Cruz. [ufgrs.br/humanista/2018/12/13/sextante-existir-e-resistir-dois-anos-de-ocupacao-mirabal/](https://www.ufgrs.br/humanista/2018/12/13/sextante-existir-e-resistir-dois-anos-de-ocupacao-mirabal/)

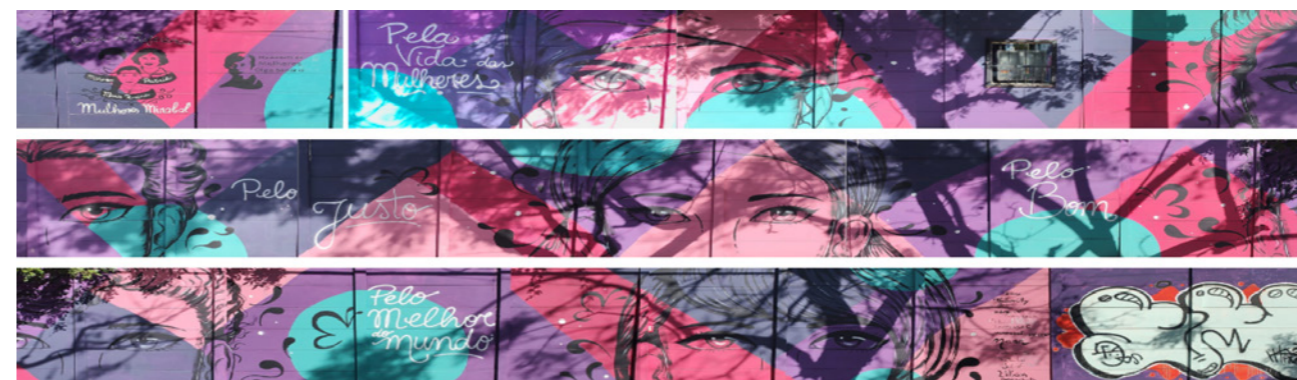
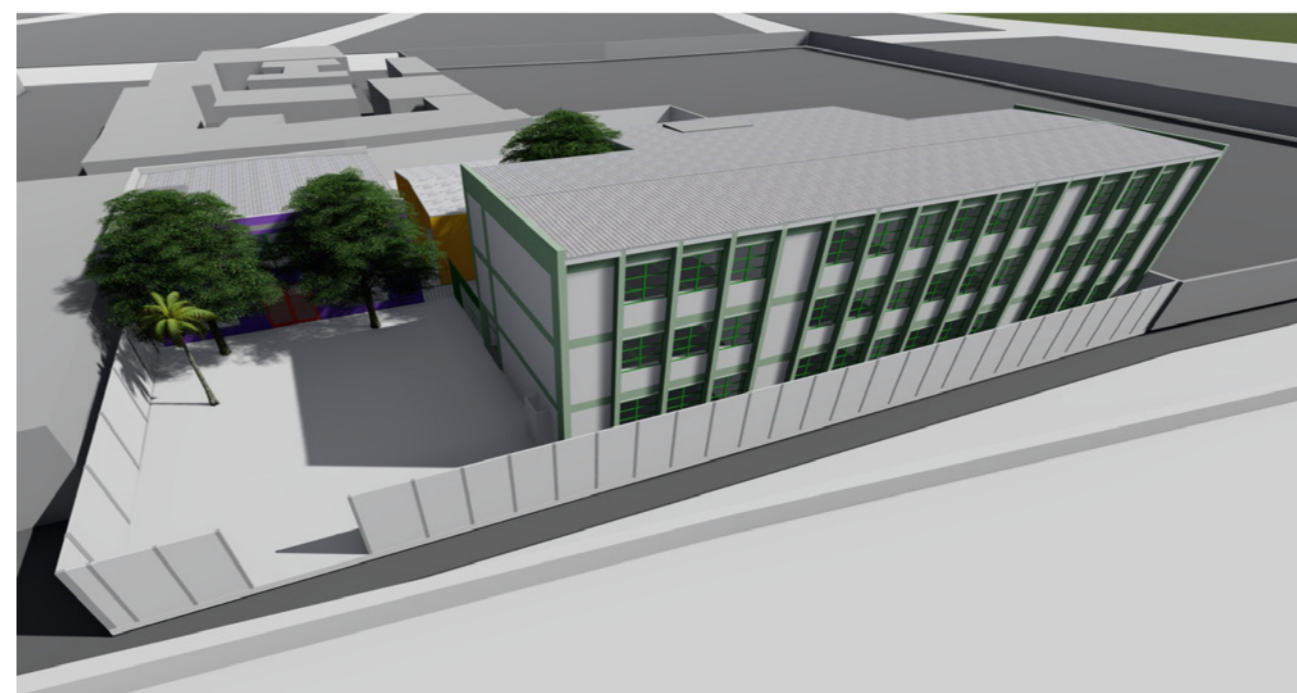
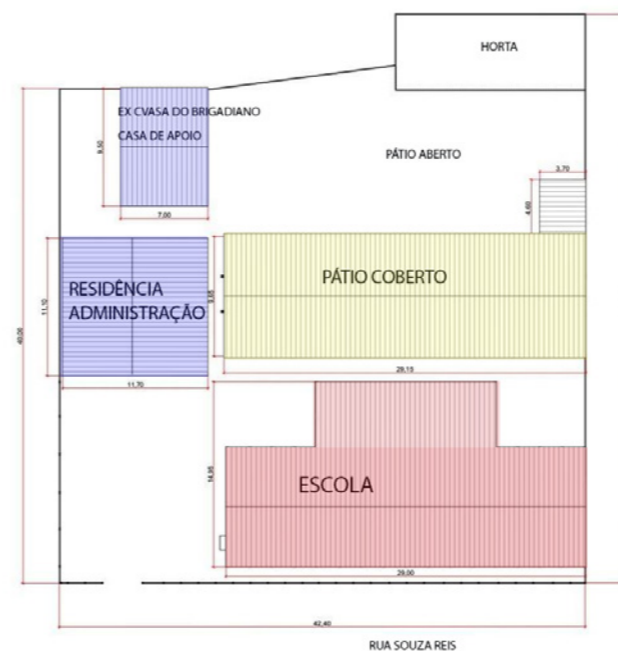


Figura 2 - Planta baixa geral do terreno. Dos autores. Figura 3 - Modelagem da Escola (primeiro plano com o muro). Espaço aberto de entrada e ao fundo a parte residencial da Mirabal. Autor Raíê Roca. Figura 4 - Detalhe da pintura mural no muro de concreto da fachada da Escola. Dos autores.

foi residência de um brigadiano e sua esposa; com o qual as mulheres da ocupação tiveram que conviver quando lá chegaram. Atualmente a casa está vazia desde 2020, e quando na ocasião da pandemia o PM deixou de morar lá. Na totalidade ainda se apresenta um pequeno anexo ao fundo da escola onde era o bar e churrasqueira, e um grande telheiro, que aqui designamos como a quarta edificação, que constitui o pátio coberto, e mais ainda toda área aberta.

O Movimento usa o primeiro andar da atual residência (antiga parte administrativa da Escola) também para receber pessoas, vender roupas do brechó solidário, cozinhar, e realizar atividades conjuntas pequenas. O segundo andar fica reservado para as abrigadas da casa, onde tem os quartos e banheiro. Também é utilizado o pátio na frente da casa e a área da quadra coberta para atividades que reúnem mais gente, assim como algumas salas de aula do primeiro andar do colégio que são usadas esporadicamente como depósito.

A Mirabal acolhe vários movimentos sociais para reuniões e atividades entre eles o Movimento de Luta nos Bairros Vilas e Favelas; da União da Juventude Rebelião e da Unidade Popular pelo Socialismo. Durante a pandemia, uma união de vários movimentos sociais usaram a Mirabal como centro de recolhimento e distribuição de doações; numa campanha de solidariedade entregou mais de 1000 cestas básicas para diaristas da periferia que perderam seus empregos devido a pandemia. Quando há a presença de outros movimentos sociais, e se há homens envolvidos não é permitido o ingresso no espaço físico da casa das mulheres residentes. A ocupação retira uma parte de seu sustento de produtos feitos pelas ocupantes como os quitutes Mirabal e os *Mirabrownies*, além de doações feitas por apoiadores.

Helena EW, Simone Paulon e Daniela Cidade, descreveram o retrato do primeiro momento da ocupação da Escola, e a questão da ressignificação de uso:

Exercendo a função de uma casa de referência, a disputa e o processo de ressignificação do espaço ocorre na dimensão prática do uso e do discurso. No primeiro momento de ocupação do prédio se estendeu uma faixa anunciando o novo nome do lugar. As paredes do imóvel recebem novas pinturas, cartazes e grafites que reforçam a prática política da ocupação. As frases feministas lembram a coletividade, o cuidado e a memória daquelas que lutaram contra as desigualdades como Marielle Franco, Olga Benario, Frida Kahlo e Dandara. As notícias e entrevistas dadas pelo MOOB reforçam a apropriação civil do imóvel público, afirmando a legitimidade da população organizada decidir o destino do local, já que a propriedade é coletiva. O poder municipal, por sua vez, deslegitima o movimento sob a lógica da propriedade privada do Estado, em que o município possui o direito de deixar ocioso o imóvel ou escolher outra função para o mesmo, sem consultar a opinião do movimento social. Assim, o dissenso é sobre como se caracteriza a propriedade pública, podendo ser propriedade coletiva ou propriedade privada do Estado. Conflito esse sobre a configuração do significado daquilo que é próprio da sociedade e do seu uso. (...) O imóvel sofre transformações através da ruptura do programa arquitetônico. A pequena sala, que deveria ser o hall de entrada na antiga escola, é utilizada como sala de estar principal. O desnível entre o pátio e a sala é utilizado como varanda, sendo que a porta é mantida aberta para que a brisa circule em um local protegido pela laje superior. As salas que eram destinadas para a direção da escola e secretaria têm como função: sala de reuniões da coordenação da casa; sala de acolhimento e uma sala para brechó,



Figura 5 - Fachada da Casa Mirabal. Collage. Dos autores. Figura 6 - Fachada Lateral. Collage. Dos autores.

forma de manutenção financeira da instituição. O segundo andar é atualmente a área privativa, com quatro quartos coletivos, banheiro, uma biblioteca e a sala da televisão<sup>19</sup>.

**O levantamento como dispositivo para conhecer a ocupação.  
O diário como relato de experiência, por Monique Aguiar Lemos**

Esperamos que aqui tenha ficado claro o papel da arquitetura, dos edifícios quando estão em disputa, já não se tratando de análises de caráter arquitetônico, retóricas; sim da questão primordial da arquitetura de fornecer abrigo e acolhimento para quem realmente precisa. Daí, a importância da análise histórica e exposição dos fatos que deve anteceder qualquer tentativa de isolar (analisar) o edifício do acontecimento. Ou seja, buscamos resgatar a dimensão arquetípica que fundamenta a arquitetura: a hospitalidade. Para que os leitores possam ter uma ideia de como desenvolvemos o trabalho de pesquisa na Mirabal, apresentamos os diários de campo, aqui selecionado de Monique Lemos, e fragmentos do diário de May Jr., para dar uma dimensão mais subjetiva do espaço e do caminho percorrido.

11/10/22

Realizamos uma reunião na UFRGS para alinharmos bem a programação das seguintes visitas à ocupação. Organizamos algumas atividades prioritárias e buscamos algumas informações históricas sobre a escola. Houve o questionamento maior sobre a péssima qualidade estrutural da escola e o que poderia ter ocasionado tais condições. Focamos em buscar dados sobre a escola e sobre o viaduto construído posterior à construção da escola. No entanto, não conseguimos levantar muitas informações sobre essa relação escola x viaduto e o impacto na estrutura. O que percebemos é que a principal razão do desligamento da escola foi pela baixa adesão de estudantes. O baixo número de discentes há alguns anos propiciou o fechamento da escola.

25/10/22

A primeira visita do grupo aconteceu no dia 25 de outubro de 2022. Inicialmente, eu tinha em mente que a entrada seria discreta, difícil de supor que haveria algum tipo de ocupação no espaço, em mente que seria pelo sigilo das mulheres e seus filhos. No entanto, não foi o cenário que encontramos. Ao chegarmos, nos deparamos com um belo muro pintado com cores vivas e com o nome da ocupação em destaque.

*Ao chegarmos no portão de acesso da casa, observei que a rua parecia de pouca circulação de pedestres e que atribuía grande prioridade ao fluxo de veículos, inclusive com o viaduto José Eduardo Utzig quase que escondendo o local de quem por ali passa. Apesar disso, uma forte intervenção artística por meio de pinturas nos muros transmite a quem está de fora uma energia vibrante. Em certo momento houve um questionamento se essas intervenções artísticas não deveriam extrapolar os muros e tomar conta também do viaduto. (JR)*

Ao entrar na ocupação, novamente houve a quebra de expectativa. De forma positiva, assim como o muro, o espaço interno transmite conforto, tranquilidade e alegria. Inicialmente, deparamo-nos com diversos brinquedos espalhados e com um cachorro pequeno, o Rex. Dentro do prédio administrativo, onde as mulheres ocupam, as mesmas qualidades do exterior permanecem. Fomos recebidos por uma das coordenadoras,

<sup>19</sup> EW, H. A. ; CIDADE, D. M. ; PAULON, S. M. *Experiências urbanas e produção do comum : uma visão a partir de mulheres em situação de violência moradoras de ocupação urbana*. In: 16 SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 2021, SALVADOR. Anais [do] XVI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Salvador: UFBA, 2021. p. 2728.

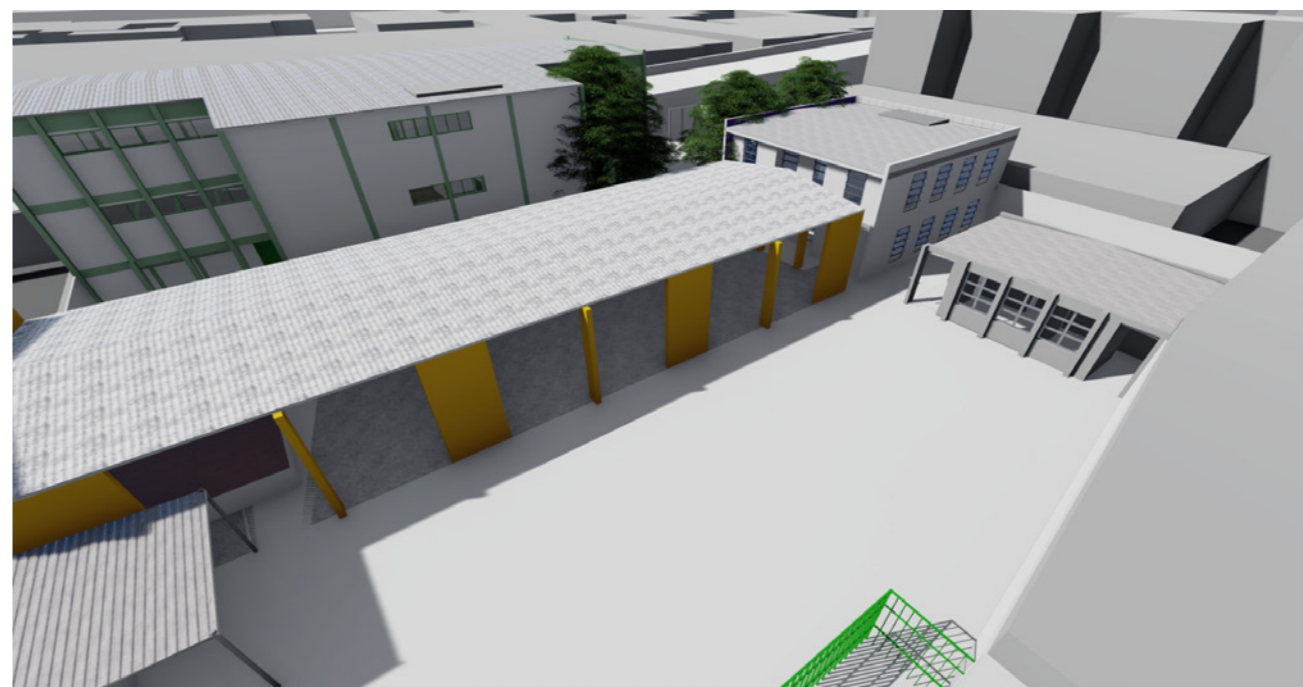


Figura 7 - Modelagem da Escola. Pátio interno aberto e Pátio coberto; ao fundo a escola e a direita a ex-casa do brigadiano, e a parte residencial da Mirabal com dois pavimentos. Autor Ratê Roca. Figura 8 - Fachada da ex-casa do brigadiano. Foto dos autores. Figura 9 - Pátio coberto. Fotografia dos autores.



que segundo ela, as mulheres já haviam tomado café. Algumas foram trabalhar e outras estavam na área reservada no segundo andar. Já as crianças estavam ou na escolinha ou com outros familiares.

O prédio administrativo é muito organizado. Os espaços são bem separados: área de costura, lavabo, cozinha, área de brechó, de convivência e administrativo. Apenas a área da cozinha, que segundo a coordenadora, conflita com o espaço da produção dos quitutes. Como um projeto da Casa de Referência Mulheres Mirabal, o 'Quitutes' busca auxiliar tanto as moradoras da Casa quanto as mulheres da comunidade e conta com a colaboração da Enactus UFRGS. A venda dos quitutes, um dos meios de gerar renda, tem como objetivo o fortalecimento da autonomia financeira e pessoal da ocupação.

Rex estava sempre perto, como cão de guarda, apesar de ser muito brincalhão. Acho que a presença de um amigo de quatro patas para as mulheres e para as crianças torna o ambiente mais leve. Como ele não consegue subir a escada em espiral, as gurias levam ele no colo até o segundo andar só pra dormir com elas.

Uma problemática conversada é a falta de luz. Ela vem de um gato da vizinhança. Utilizam para os serviços gerais e serviços de produção (quitutes e futuras costuras).

Um aspecto positivo é a boa qualidade arquitetônica do prédio. Mesmo que as janelas da cozinha fossem orientadas para o oeste, e que o sol estava a leste por ser de manhã, a iluminação natural propiciou uma qualidade de iluminação muito boa. Isso já ameniza o uso excessivo de luz elétrica e garante uma boa habitabilidade (luz, sem mofo, ventilação...). Isso em todos ambientes que visitamos.

Visitamos a horta localizada ao lado da quadra esportiva aberta. A coordenadora comentou que a dificuldade de mantê-la sempre organizada é a grande demanda de cuidados que ela exige, não sendo a atual prioridade da ocupação. Comentou-se sobre a alta incidência solar e a necessidade de uma cobertura.

A ex-casa do brigadiano também está em ótimas condições, porém inativa até então. Surgiu o questionamento de seu possível uso. Ali pode ser um espaço para mulheres usarem, ou também para os serviços visto que a lavanderia já funciona na área de serviço. Abordamos sobre ser um espaço de acolhimento inicial, porém ponderamos sobre ser inconveniente uma família permanecer ali enquanto várias pessoas transitam utilizando a máquina de lavar roupa. Foi sugerido também o uso da cozinha para a produção dos quitutes, resolvendo o conflito da cozinha da casa.

31/10/22

Para a segunda visita levamos material para iniciarmos o levantamento da ocupação. Fomos muito bem recebidos novamente. O terreno foi dividido conforme um croqui inicial. O espaço mais utilizado é o prédio administrativo. É onde as acolhidas, abrigadas e toda a equipe se concentram. A grande maioria das tarefas diárias são realizadas ali, com exceção do uso da máquina de lavar roupa. A administração, o brechó, o atelier de costura, a cozinha, um banheiro e uma área de serviço estão situados no térreo. Há uma escada central que dá acesso ao primeiro pavimento onde as acolhidas ficam. Por enquanto ainda não visitamos essa área da casa.

O segundo espaço mais utilizado, aparentemente, é a escola. As salas do pavimento térreo estão ocupadas por vários materiais que posteriormente são direcionados ao brechó. Há também uma sala de brinquedoteca. Os outros pavimentos (primeiro e segundo) acabam sendo pouco utilizados, e estão em completo estado de abandono. Já o último espaço mais utilizado é a Casa do Policial Militar. Por mais que seja o espaço menos usufruído, é o mais bem conservado no geral. Além do uso da máquina

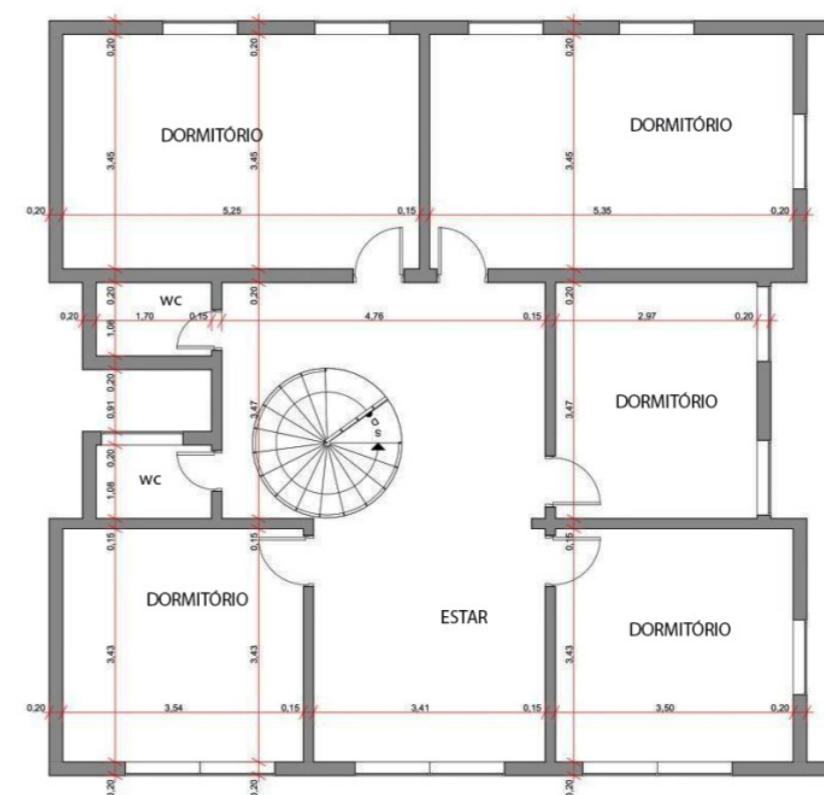
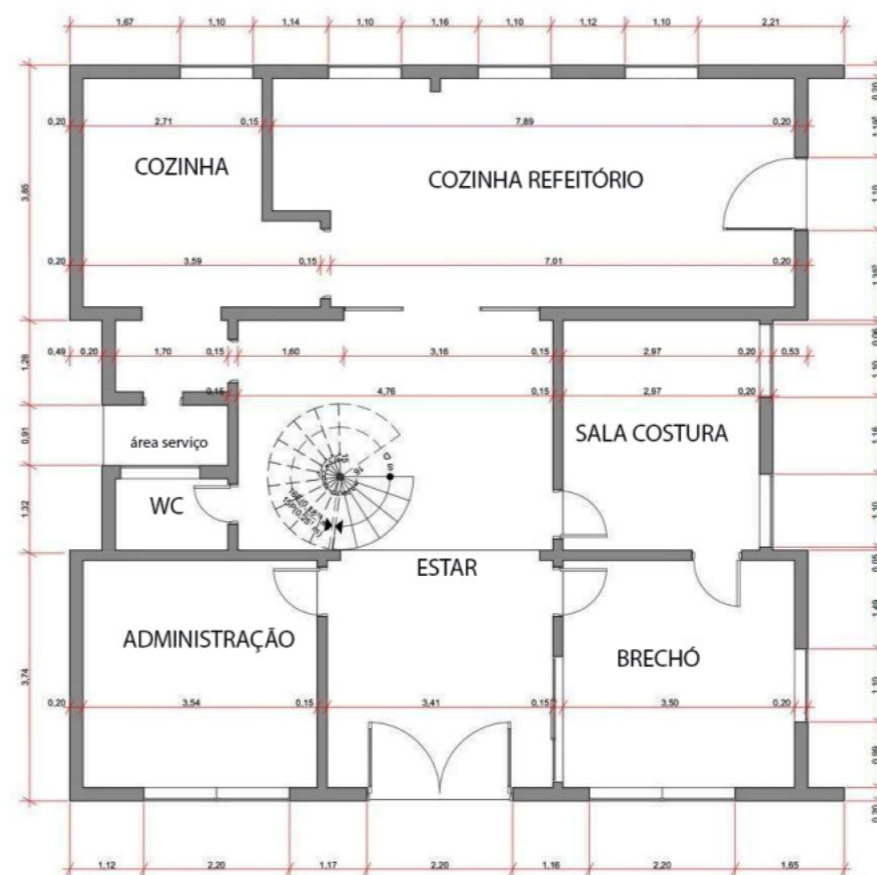


Figura 10 - Planta baixa. Casa e Administração. Dos autores. Figura 11 - Pavimento superior. Casa e Administração. Dos autores.

de lavar roupa, foi comentado em talvez tornar a cozinha o espaço para a confecção dos quitutes. Como visto na primeira reunião, às vezes os utensílios e o espaço da cozinha principal, por mais que seja um espaço grande, acabam conflitando com a confecção dos quitutes, produto importante para arrecadar fundos para o sustento da ocupação. Já sobre o espaço externo que engloba as quadras de futebol (coberta e descoberta), além dos espaços abertos e da horta, o ambiente mais utilizado é a quadra coberta. Há algumas cadeiras espalhadas, assim como alguns brinquedos. Às vezes há alguma ocupante sentada ali, nas cadeiras ou na mesa de cantina. É um espaço calmo e aberto, com boa circulação de vento além de proteger do sol nos dias muito quentes. Sobre o levantamento, realizei junto com o Raiê as medidas da cozinha do prédio da frente inicialmente. Por mais que fosse outro dia, a sensação que se tem na cozinha é muito similar à da primeira visita: ótima ventilação cruzada e ótima incidência solar, sem haver a necessidade de ligar luz. O espaço é bem organizado, compartimentado por uma cozinha mais reservada onde a pia se encontra. Esse espaço é dividido com o próximo ambiente por uma parede com uma janela em vão. A mesa principal é retangular e extensa. À direita da mesa, há outra mesa, porém arredondada, próxima aos equipamentos para realizar a produção dos quitutes. Tudo muito organizado, bem iluminado com as grandes janelas seguindo a modulação entre os pilares, e a grande porta de acesso. Conversando com o pessoal do movimento presente nesse dia, notamos o medo da falta de segurança. Por mais que o acesso ao terreno seja difícil, sempre há cadeado nos portões, especialmente no portão de acesso principal e no portão que separa o prédio da escola com o espaço aberto de entrada. Comentaram a falta de cadeados e a necessidade de comprar com maior resistência. Outra necessidade que nos comprometemos a ajudar é a manutenção de alguns vidros quebrados das esquadrias. Tivemos também a presença ilustre do Rex, o *Miradog*.

07/11/22

Finalizamos o levantamento do térreo do prédio administrativo. Levantamos as medidas em planta e elevações. Junto às anotações, tiramos fotos para nos guiarmos melhor posteriormente. Seguimos o levantamento para a casa do PM. O espaço continua inativo pela ocupação. Sendo a máquina de lavar o único uso. Comentamos novamente sobre promover um bom aproveitamento dessa casa e nutrir algumas demandas que a casa administrativa não comporta de forma mais eficiente. Visitamos a edificação da escola também. A grande preocupação é em relação à estrutura. A armadura de vários pilares estão em algumas partes expostas. As salas de aula do térreo são utilizadas para guardar peças de brechó e uma delas é uma brinquedoteca. Assim como a casa do PM, o prédio disponibiliza diversos espaços que a ocupação poderia aproveitar. Infelizmente o edifício não está em sua melhor condição.

01/12/22

Iniciamos nossa visita com o foco no levantamento das áreas externas. O pátio da frente faz parte do acesso principal de pedestres e automóveis tanto para a casa administrativa quanto para o terreno inteiro. É fortemente caracterizado pelos brinquedos das crianças e seu *playground*. Para acessar a quadra coberta é preciso passar pelo interior da casa administrativa já que o portão que separa esses dois ambientes está sempre fechado. Como de sempre, a casa está calma e somos bem recebidos. Ao entrarmos na quadra coberta, deparamo-nos com um espaço de estar. Nesse espaço normalmente as gurias tomam café ou apenas aproveitam essa área aberta. Há cadeiras e mesas de cantina. Esse espaço não passa da linha do meio da quadra. Do outro lado da quadra, há um palco de madeira elevado onde ocorriam as apresentações do colégio. Conversamos sobre o valor desse espaço para realização de eventos organizados pela ocupação. Além de proteger da chuva, ameniza o calor em dias de sol. A quadra descoberta serve como varal de roupas e conta com uma piscina inflável para as crianças. Levantamos as dimensões da horta também. A visita

foi tranquila e de grande avanço para iniciarmos o levantamento no *software*.

15/12/22

Após levantarmos as medidas das janelas que estavam quebradas, passamos para o vidraceiro. O intuito era a troca dos vidros quebrados por vidros novos. Iniciamos com o vidro inferior da porta. Fomos muito bem recebidos, com certo ânimo pelo novo vidro. A manutenção foi tranquila, recebendo sempre o apoio e a colaboração do pessoal. Chega a ser inusitada tamanha calma que a ocupação transmite. Mesmo quebrando vidro, fazendo sujeira e tudo mais, foi possível sentirmos confortável para realizarmos a troca. Contamos com a ajuda de uma das crianças. Colaborou com apoio moral e amassando a massinha de vidraceiro. Outro contribuinte especial foi o Rex, novamente com sua fofura. Fomos revezando conforme o trabalho estava em andamento. Demoramos bastante até para finalizarmos, porém como foi nossa primeira instalação, consideramos um sucesso total. Contamos também com a habilidade do Junior em manusear a massinha de vidraceiro, fazendo o acabamento final bem alinhado e homogêneo. Também fizemos um compilado de imagens do espaço externo, além de anotarmos algumas medidas.

22/12/22

Nesse dia não estive presente. Raiê e o professor Fuão realizaram a troca do segundo vidro.

09/02/23

Continuando a atividade prática, visitamos a ocupação para a troca do terceiro e último vidro. Realizamos todo processo inicial: tirar o vidro antigo com cuidado, retirar a massa velha, limpar o local, manter as crianças afastadas. No entanto, nos deparamos com o vidro maior que o devido. Raiê e o Fuão foram procurar um vidraceiro para acertar as medidas, enquanto eu e Jr. continuávamos com a limpeza e a preparação da colocação do novo vidro. O grupo que ficou na ocupação teve a ajuda especial de uma das crianças. Empolgada, ajudou a limpar o chão do pátio. Animou-se tanto que começou a limpar até os frutos da árvore em frente à casa ocupada pelas gurias. Essa interação com a criança foi o marco principal dessa visita. Colaborou desde o início até o fim da colocação, e não somente desse vidro, assim como do primeiro. Seu coleguismo e parceria serviram de exemplo pra gente. Sempre ao nosso lado e sempre ajudando. Até nos mostrou o presente que ganhou de sua mãe: bolinha de sabão. Nos ensinou a como usar e emprestou seu brinquedo para brincarmos com ele. Mesmo sendo uma criança, nos ensinou muito nesse dia. Mostrou que mesmo estando vivendo em um ambiente pesado, ainda há esperança de se recompor. O momento recreativo terminou quando o resto do grupo chegou com o vidro cortado. Finalizamos a colocação.

23/02/23

Recebemos a triste notícia de que a colocação do último vidro desprende da esquadria, impossibilitando o fechamento da janela. Analisamos a situação do vidro e resolvemos fortalecer a aderência da massa com o vidro, pois vimos que em alguns lugares estava fina demais. Fizemos a manutenção rápida, liberando tempo para iniciarmos o levantamento do edifício da escola (...) O último prédio que visitamos foi o da escola, um edifício que dispõe de salas e corredores bastante generosos. Percebemos que a edificação é bem modulada, seguindo um padrão de estrutura e de *layout*, principalmente nas salas de aula. Os pilares do prédio estão deformados na altura do térreo e segundo pavimento e comprometem algumas esquadrias que ficaram emperradas. Apesar de algumas hipóteses levantadas sobre a origem e gravidade do problema estrutural, foi constatada a necessidade da visita de um engenheiro para averiguar a situação. Para auxiliar nesse processo iniciamos também uma pesquisa sobre a data de construção do viaduto e data de fechamento da escola. Os ambientes

de banheiro e outros ambientes mais enclausurados eram os ambientes mais hostis e com mais danos. Foi apontada a necessidade de conseguirmos as plantas baixas do prédio junto à prefeitura para iniciarmos um levantamento do prédio. A maior variante ocorre nos espaços que inicialmente eram os laboratórios e que atualmente são banheiros e despensas.

Março/23

Tivemos dois focos principais no mês de março. O primeiro foi analisar novamente a causa do descolamento do último vidro colocado. Acreditamos que a esquadria deve estar deformada, causando forças que impedem o fechamento total da janela e o descolamento do vidro. O segundo foco foi finalizar o levantamento da escola. Levantamos as medidas externas e internas. A situação da escola permanece a mesma desde nossa primeira visita à ocupação. Não há luz e não há água. O térreo continua com o uso de armazenar peças para o brechó e uma sala reservada para uma brinquedoteca. Juntamente às medidas anotadas, recolhemos imagens e vídeos para ajudar no acervo digital e no desenvolvimento do projeto.

Abril/23

O mês de abril foi organizado via reunião *online*. Decidimos fazer de forma remota para formular a apresentação que temos em mente em fazer para o pessoal. Juntamos todos arquivos que realizamos durante as visitas para darmos início ao andamento do projeto. Utilizando o *software* Archicad, organizamos os arquivos de cada levantamento para gerar um só. A ideia principal é apresentar para o pessoal da ocupação o trabalho até então feito e ouvirmos as demandas da casa. A compatibilidade do nosso levantamento com o projeto de 1988 gerou algumas dúvidas. Ao levar a planta baixa do térreo do projeto de 1988 para o *software* Archicad, tive dificuldade em coincidir as cotas com o desenho. A cota informa uma distância que não bate com o desenho. Portanto, decidi seguir a medida das cotas. Ademais, esse documento apenas disponibilizou a planta do térreo. Sendo assim foi necessário as reuniões com o grupo para compatibilizarmos o mais fiel possível a edificação da escola, sendo esse nosso maior desafio dentro dessa etapa.” Monique Lemos. Jorge Valdecir May Junior

### **Mirando hacia atrás**

O abandonado, assim como a ocupação, por sua vez é aquele liberto das leis tradicionais, das arquiteturas acadêmicas, das normativas, é uma espécie de Território Autônomo (TAZ). Livrementemente cria as suas próprias formas de viver espaciais e temporais, seus espaços, seus cantos, suas aberturas. Bem no fundo, a questão do território e dos abandonos e da arquitetura enquanto lugar de disputa das ocupações, envolve o amor, ou seja: as relações de adoções dos abandonados, dos rejeitados pelo Estado. Enfim, o abandono não pode ser explicado por si, em termos de objetos ou arquitetura, é insuficiente, e incipiente qualquer explicação, então é aí que entra o discurso da alteridade, o ‘outro’. Quem abandona, quem rejeita é o capitalismo, é o consumo que descarta tudo; mas, é justamente esse ‘outro’, o descartado, que acolhe ocupando, abrindo o prédio para receber e dar (hospitalidade). Nesse sentido há muitas formas de abandono, de rejeição, como um simples fechar os olhos ou virar a cara ao outro, até nas coisas e atitudes mais repugnantes, como demonstrou Eduardo Rocha, em sua tese: *Arquiteturas do abandono*.

Mas é exatamente o abandonado, a abandonada; e aqui trazemos o discurso para a pessoalidade; as mulheres vítimas de violência doméstica que são forçadas a abandonar seu lar; simultaneamente também abandonadas pelo Estado; que quando ‘ocupam’ o abandono como última forma de existir dão visibilidade ao abandonado e a si próprio. É a ‘outra’ que denuncia o abandonado ao ocupar, é essa outra quem

reconhece a impostura da rejeição. Um juiz quando assina um termo de reintegração de posse de um lugar abandonado que só corrói o tecido social urbano, um espaço parasita que alimenta a especulação imobiliária, ele está abandonando mais uma vez à sorte essas mulheres que lutam por um abrigo ainda que temporário e emergencial. Ele está defendendo a reintegração de posse em nome da propriedade privada dos soberanos alicerçado na lei.

Toda ocupação é um ato supremo de acolhimento. O ocupante abandonado acolhe o abandono, o edifício abandonado, ambos se encontram para produzir o comum estabelecendo outra política na cidade, a política dos corpos que querem se reterritorializar; produzir em termos de Antonio Negri uma economia amorosa, pois essa conjuga o sem sentido e o sentido. É o gesto e a resistência ao ocupar, o cuidado que acaba com a estagnação, o apodrecimento nos centros urbanos. O que ocupa cuida do edifício como se fosse sua casa, sua vida. Qualifica e revitaliza esse espaço, deixa fluir pelas torneiras enferrujadas de novo a água, deixa a luz do sol entrar, ventila, ‘rehabita’, re-existe.

É um ato de libertação daqueles que abandonam a condição de hospedeiros de valores que não lhes pertencem. Ocupar é uma necessidade, um imperativo quando o processo capitalista da moradia transforma o direito sagrado de habitar em mercadoria. Torna-se uma necessidade quando o Estado e os soberanos se atravessam no direito natural de cada um construir sua casa, quando aniquila até sua força de mão de obra, abandonando-o como um *homo sacer* a mercê do capitalismo e do processo ‘civilizatório’. Raquel Alquatti apresenta um outro sentido, muito interessante sobre ocupação, diz ela: “O que a Ocupação ocupa é exatamente a função do poder público no espaço deixado por ele vazio. Algo que podemos formular provisoriamente como nós só estamos fazendo o que o Estado deveria fazer, mas não o faz. Entramos então no campo da ausência. Podemos pensar que uma ocupação é isso que retorna justamente ali onde a dominação falhou, e que afirma retornar quantas vezes for necessário”<sup>20</sup>, para que nenhuma mulher tenha que dormir com seus filhos e filhas na rua. Como disse, ainda, Raquel Alquatti, “Ocupar um prédio público é infiltrar-se no cerne do aparelho de Estado do poder executivo”<sup>21</sup>.

Para finalizar, sugerimos não só olharmos para frente, para o futuro, mas para trás para o que passou, como forma de conhecimento, e é lamentável constatar que muitas vezes quando a Justiça dá a reintegração de posse aos proprietários, esses edifícios posteriormente seguiram abandonados pelos proprietários, anos a fio como é o caso das ocupações: Mirabal, e Lanceiros Negros em Porto Alegre. Isso decididamente não é justiça, apenas defesa da propriedade abandonada, servidão aos senhores da justiça. A academia, principalmente a da arquitetura e urbanismo, quando à serviço da classe burguesa e dos soberanos nada contribui com seus desenhos e suas análises arquitetônicas gramaticais vazias de vida. Para expressar essa violência da lei sobre aqueles que mais precisam de justiça é preciso sim que o âmbito político ocupe o atual discurso da arquitetura para recuperar o ar vital que caracteriza a ‘arquitetura’.

20 Alquatti, Raquel. *Sobre dizer a verdade do lugar onde não se deveria estar, uma leitura discursiva de uma prática política*. (Dissertação) UFRGS. Instituto de Letras. Programa de Pós-graduação em Letras. Porto Alegre. 2017. (orientadora: Ferreira, Maria Cristina Leandro). p. 68.

21 Alquatti, Raquel. Op. cit.; p. 55.

## Referências

ALQUATTI, Raquel. *Sobre dizer a verdade do lugar onde não se deveria estar, uma leitura discursiva de uma prática política*. (Dissertação). Porto Alegre: UFRGS/Instituto de Letras/Programa de Pós-graduação em Letras, 2017. (orientadora: Ferreira, Maria Cristina Leandro).

CRUZ, Luana. Existir é Resistir: Dois anos de Ocupação Mirabal. *Jornal Sextante*. Disponível em: [ufrgs.br/humanista/2018/12/13/sextante-existir-e-resistir-dois-anos-de-ocupacao-mirabal/](http://ufrgs.br/humanista/2018/12/13/sextante-existir-e-resistir-dois-anos-de-ocupacao-mirabal/)

DAMASCENO, Marcelo Damasceno. *Entre ruínas e resistências: (R)emoções em Porto Alegre de 2013 a 2015*. (Dissertação). Porto Alegre: UFRGS/Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura/PROPAR, 2018. (Orientador: Fernando Fuão).

EW, H. A. ; CIDADE, D. M. ; PAULON, S. M. Experiências urbanas e produção do comum: uma visão a partir de mulheres em situação de violência moradoras de ocupação urbana. In: 16 Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2021, Salvador. *Anais [do] XVI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Salvador: UFBA, 2021.

GAWLINSKI, Thainá. Nasce em Porto Alegre a Ocupação Mulheres Mirabal. *Jornal A Verdade*. Disponível em: [averdade.org.br/2016/11/nasce-em-porto-alegre-ocupacao-mulheres-mirabal/](http://averdade.org.br/2016/11/nasce-em-porto-alegre-ocupacao-mulheres-mirabal/)

GOMES, Luís. Ocupação Mirabal aceita acordo e deve se mudar para prédio estadual. *Jornal Sul 21*. 02/2018/06/. Disponível em: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-areazero-2/2018/06/ocupacao-mirabal-aceita-acordo-e-deve-se-mudar-para-predio-estadual/>

LOPES, Claudiane; SANTOS, Eloá; GONÇALVES, Gabriela; KOZMHINKY, Guita; XAVIER, Indira; MENDES, Raphaela; MENDES, Vivian. *Cartilha do Movimento de Mulheres Olga Benário*. Brasil. 2017.

MARINHO, Bárbara Rodrigues. *EXISTO PORQUE RESISTO: A Casa de Referência Mulheres Mirabal como corpo-território e expressão política das lutas feministas no espaço urbano* (Dissertação). Porto Alegre: UFRGS/Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional/PROPUR, 2023. (Orientadora: Daniele Caron).

MELLO, Bruno Cesar E. *Dias de destruir, de construir*. Porto Alegre: Libretos, 2022.

ROCHA, Eduardo. *Arquiteturas do abandono: ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e da arte* (Tese de Doutorado). Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2010. (Orientador: Fernando Fuão). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/24722>

SANCHES, Nanashara D. *As Ocupações no Centro histórico de Porto Alegre e a Formação de Territórios de Resistência*. (Tese de Doutorado). Porto Alegre: UFRGS/Programa de Pós Graduação em Geografia/Instituto de Geociências, 2021. (Orientador: Paulo Roberto Rodrigues Soares).